

DAS EPIDEMIAS HISTÓRICAS À EDUCAÇÃO CIENTÍFICA: CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA, BIOLOGIA E FARMÁCIA PARA A EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Alaine M. Sousa¹;

Bárbara de Abreu Lima Moraes²;

Maria das Dores M. Moraes³.

RESUMO: A educação em saúde no contexto escolar demanda abordagens que ultrapassem a fragmentação dos saberes e promovam a compreensão integrada dos fenômenos relacionados às doenças e à prevenção. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo analisar como a articulação entre História, Biologia e Farmácia pode contribuir para a formação crítica dos estudantes por meio do estudo das epidemias. Parte-se do pressuposto de que eventos epidêmicos, além de fenômenos biológicos, são também acontecimentos históricos e sociais que mobilizam conhecimentos científicos, práticas de cuidado e políticas públicas. A partir de pesquisa bibliográfica de caráter interdisciplinar, o trabalho discute epidemias que marcaram diferentes períodos históricos, os mecanismos biológicos de transmissão das doenças infecciosas e o papel dos medicamentos e vacinas no controle desses agravos. Defende-se que a integração desses campos do conhecimento favorece o desenvolvimento do pensamento crítico, da alfabetização científica e da responsabilidade coletiva dos estudantes diante de questões de saúde. Conclui-se que a educação em saúde, quando fundamentada em uma perspectiva interdisciplinar, torna-se ferramenta essencial para o enfrentamento da desinformação e para a promoção de atitudes preventivas no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação em Saúde. Interdisciplinaridade. Epidemias.

FROM HISTORICAL EPIDEMICS TO SCIENCE EDUCATION: CONTRIBUTIONS OF HISTORY, BIOLOGY, AND PHARMACY TO HEALTH EDUCATION

ABSTRACT: Health education in the school context requires approaches that go beyond fragmented knowledge and promote an integrated understanding of phenomena related to diseases and prevention. In this sense, this article aims to analyze how the articulation between History, Biology, and Pharmacy can contribute to the critical education of students through the study of epidemics. It is based on the assumption that epidemic events, in addition to being biological phenomena, are also historical and social occurrences that involve scientific knowledge, healthcare practices, and public policies. Through an interdisciplinary bibliographic research approach, the study discusses epidemics that marked different historical periods, the biological mechanisms of infectious disease transmission, and the role of medicines and vaccines in controlling these health problems. It is argued that the integration of these fields of knowledge promotes the development of critical thinking,

scientific literacy, and students' collective responsibility regarding health-related issues. The study concludes that health education, when grounded in an interdisciplinary perspective, becomes an essential tool for combating misinformation and promoting preventive attitudes within the school environment.

KEYWORDS: Health Education. Interdisciplinarity. Epidemics.

INTRODUÇÃO

As epidemias são eventos que marcaram profundamente a trajetória da humanidade, influenciando não apenas a saúde física das populações, mas também as estruturas sociais, as práticas culturais e as relações de poder ao longo dos séculos. A Peste Negra, por exemplo, transformou a economia e a organização social da Europa medieval (BARATA, 2017, p. 3). Outros surtos mais recentes, como a gripe espanhola de 1918 e a pandemia de COVID-19, também evidenciam como doenças infecciosas são fenômenos que cruzam fronteiras científicas, sociais e históricas (SILVA; PEREIRA, 2021, p. 45).

Nesse sentido, as epidemias não podem ser compreendidas apenas como fenômenos biológicos. Os estudos históricos demonstram que as respostas sociais, as narrativas coletivas e as políticas públicas frente aos surtos de doenças mudaram ao longo do tempo, refletindo as diferentes formas como as sociedades construíram conhecimento sobre saúde e doença (BARATA, 2017, p. 5-6).

No contexto científico, a Biologia fornece os conceitos fundamentais para compreender os mecanismos de transmissão de agentes infecciosos, as respostas imunológicas e os processos que sustentam o desenvolvimento de medidas preventivas e terapêuticas. Como destacam Souza e Oliveira (2020, p. 12), “a compreensão dos ciclos de vida dos agentes patogênicos é essencial para qualquer estratégia de controle e prevenção”.

No campo da Farmácia, o estudo dos medicamentos, das vacinas e das práticas de uso racional de terapias ocupa papel central na prevenção e no enfrentamento de epidemias. A literatura farmacêutica aponta que a orientação adequada sobre o uso de medicamentos e vacinas é uma ferramenta essencial para a redução de agravos no âmbito coletivo e individual (ALMEIDA; COSTA, 2019, p. 78).

Paralelamente, a Educação em Saúde surge como campo pedagógico que articula saberes científicos e históricos com práticas educativas voltadas para a promoção do bem-estar coletivo. Estudos nessa área enfatizam que a educação em saúde no ambiente escolar pode promover não apenas conhecimento técnico, mas também pensamento crítico, consciência ética e atitudes preventivas entre estudantes (PEREIRA; LIMA, 2022, p. 32).

Dessa forma, este artigo propõe analisar como a articulação entre História, Biologia e Farmácia pode fortalecer a educação em saúde no ambiente escolar a partir da temática das epidemias. A interdisciplinaridade aqui não apenas enriquece a compreensão dos fenômenos de saúde, mas também promove formação crítica e reflexiva, conectando passado e presente na construção de saberes que impactam a vida cotidiana.

A compreensão dos mecanismos biológicos de transmissão de doenças infecciosas

é fundamental para o desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção e controle. A Biologia explica, por exemplo, como vírus e bactérias interagem com o organismo humano, como ocorre o processo de infecção e como o sistema imunológico responde a diferentes agentes patogênicos. Entender esses processos biológicos é essencial não apenas no campo acadêmico, mas também para a formação de cidadãos capazes de interpretar e aplicar informações de saúde no cotidiano (SOUZA; OLIVEIRA, 2020, p. 12-15).

Adicionalmente, a Farmácia amplia o escopo da compreensão sobre epidemias ao abordar questões relacionadas ao desenvolvimento, à eficácia, à segurança e ao uso racional de medicamentos e vacinas. Os profissionais farmacêuticos desempenham papel crucial na orientação da população quanto ao uso correto de terapias, além de atuarem em campanhas de vacinação e em serviços de vigilância sanitária. Estudos indicam que a intervenção farmacêutica é uma ferramenta relevante na redução de eventos adversos e na promoção do uso consciente de medicamentos em situações de crise sanitária (ALMEIDA; COSTA, 2019, p. 78-80).

Do ponto de vista histórico, a análise das epidemias revela como diferentes sociedades viveram, responderam e reconstruíram seus modos de vida após surtos de doenças. A História, assim, não apenas registra fatos, mas também interpreta significados, práticas sociais e mudanças culturais decorrentes dessas experiências. Ao estudar eventos como a peste bubônica, a gripe de 1918 ou a pandemia de COVID-19, a História contribui para a compreensão dos determinantes sociais da saúde e das respostas coletivas às ameaças sanitárias (BARATA, 2017, p. 5-7; SILVA; PEREIRA, 2021, p. 47-50).

Essa integração de saberes evidencia que a Educação em Saúde no ambiente escolar não deve se limitar a conteúdos fragmentados ou isolados, mas precisa contemplar uma visão ampla e crítica do fenômeno de saúde/doença. A promoção da saúde envolve não apenas a transmissão de informações científicas, mas também o desenvolvimento de habilidades de leitura crítica da realidade, reflexão ética e responsabilidade social. Nesse sentido, a interdisciplinaridade entre História, Biologia e Farmácia encontra terreno fértil no ambiente educacional, oferecendo aos estudantes ferramentas cognitivas e sociais para refletir sobre sua própria saúde e a de suas comunidades (PEREIRA; LIMA, 2022, p. 32-34).

Por fim, ao articular essas perspectivas, torna-se possível não só explicar os aspectos técnicos relacionados às epidemias, mas também contextualizar historicamente as respostas humanas e as implicações sociais. Essa abordagem contribui para a formação de cidadãos críticos, capazes de compreender como decisões individuais e coletivas impactam a saúde pública, bem como de reconhecer a importância de bases científicas e históricas na construção de políticas e práticas de saúde mais justas e eficazes.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, desenvolvida por meio de pesquisa exclusivamente

bibliográfica. Essa escolha metodológica justifica-se pelo objetivo de analisar, em perspectiva interdisciplinar, como os campos da História, da Biologia e da Farmácia podem contribuir para a educação em saúde a partir da temática das epidemias.

A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir do levantamento e análise de produções científicas disponíveis em bases de dados de acesso aberto, como SciELO, Google Acadêmico e portais de periódicos nacionais da área de Educação, Saúde e Ciências Humanas. Foram selecionados artigos, livros e documentos institucionais que abordassem: (a) epidemias em perspectiva histórica; (b) fundamentos biológicos das doenças infecciosas; (c) medicamentos, vacinas e uso racional de terapias; e (d) educação em saúde no contexto escolar.

Os critérios de inclusão consideraram a relevância temática, a confiabilidade das fontes e a disponibilidade de acesso online, priorizando publicações que dialogassem com a proposta interdisciplinar do estudo. Também foram privilegiados trabalhos que apresentassem contribuições teóricas para a compreensão das epidemias como fenômenos biológicos, históricos e sociais, bem como textos que discutissem a educação em saúde como prática pedagógica.

A análise dos materiais selecionados ocorreu por meio de leitura exploratória, seletiva e interpretativa, buscando identificar conceitos centrais, convergências entre as áreas do conhecimento e contribuições para o campo da educação em saúde. Os dados foram organizados em eixos temáticos correspondentes às três áreas envolvidas História, Biologia e Farmácia e posteriormente articulados de forma integrada, evidenciando pontos de diálogo entre os saberes.

Dessa forma, a metodologia adotada permitiu construir uma base teórica consistente para discutir a importância da interdisciplinaridade na educação em saúde, evidenciando como o estudo das epidemias pode favorecer a formação crítica dos estudantes e ampliar a compreensão sobre os processos de saúde e doença.

DESENVOLVIMENTO

As epidemias sempre estiveram presentes na história das sociedades humanas, atuando como fatores de transformação social, econômica e cultural. A chamada Peste Negra, que assolou a Europa no século XIV, provocou mudanças profundas na organização do trabalho, na religiosidade e na estrutura demográfica, evidenciando como a doença ultrapassa o campo biológico e se insere no tecido social (BARATA, 2017, p. 4-6).

De forma semelhante, a gripe espanhola de 1918 expôs fragilidades nos sistemas de saúde e demonstrou a importância de medidas coletivas de prevenção, como isolamento e higiene, ainda hoje utilizadas em contextos epidêmicos (SILVA; PEREIRA, 2021, p. 48). Já a pandemia de COVID-19 evidenciou a centralidade da ciência, da comunicação pública e das políticas de saúde na gestão de crises sanitárias, reforçando a necessidade de letramento científico da população.

Sob essa perspectiva, a História contribui para a educação em saúde ao permitir

que os estudantes compreendam as epidemias como fenômenos recorrentes, relacionados às condições sociais, às desigualdades e às formas de organização das sociedades em diferentes períodos (BARATA, 2017, p. 7). Essa leitura histórica amplia a compreensão crítica dos desafios sanitários contemporâneos.

Do ponto de vista biológico, as epidemias resultam da disseminação de agentes infecciosos capazes de se transmitir entre indivíduos e populações. Vírus, bactérias, fungos e parasitas apresentam diferentes formas de infecção e transmissão, exigindo estratégias específicas de controle (SOUZA; OLIVEIRA, 2020, p. 13-14).

A compreensão do sistema imunológico também é central para a educação em saúde, pois permite explicar como o organismo reage aos agentes patogênicos e como as vacinas estimulam a produção de memória imunológica. Esse conhecimento contribui para reduzir medos infundados e combater desinformação sobre imunização (SOUZA; OLIVEIRA, 2020, p. 16).

Assim, a Biologia fornece a base científica que sustenta as práticas preventivas, como higiene, vacinação e controle de vetores, elementos indispensáveis para a formação de estudantes conscientes sobre os mecanismos de proteção individual e coletiva.

No campo farmacêutico, o enfrentamento das epidemias envolve o desenvolvimento, a produção e a orientação quanto ao uso seguro de medicamentos e vacinas. A atuação do farmacêutico inclui a promoção do uso racional de medicamentos, prevenindo a automedicação inadequada e o uso indiscriminado de antibióticos, que pode levar à resistência bacteriana (ALMEIDA; COSTA, 2019, p. 79).

As vacinas representam uma das mais importantes estratégias de saúde pública, pois estimulam o sistema imunológico a reconhecer agentes infecciosos sem causar a doença, reduzindo a circulação de patógenos na população. A educação em saúde, aliada à orientação farmacêutica, é fundamental para ampliar a adesão às campanhas de imunização (ALMEIDA; COSTA, 2019, p. 80).

Dessa forma, a Farmácia contribui para a formação de uma cultura de cuidado e responsabilidade coletiva, reforçando que o uso consciente de medicamentos e a adesão à vacinação são atitudes que impactam não apenas o indivíduo, mas toda a comunidade.

A articulação entre História, Biologia e Farmácia possibilita uma abordagem mais ampla e significativa da educação em saúde. Ao compreender o contexto histórico das epidemias, os mecanismos biológicos das doenças e o papel dos medicamentos e vacinas, os estudantes desenvolvem uma visão integrada dos fenômenos de saúde e doença.

Essa interdisciplinaridade favorece o desenvolvimento do pensamento crítico, pois incentiva a análise de informações a partir de diferentes perspectivas, aproximando o conhecimento científico da realidade social. Além disso, contribui para a formação de sujeitos capazes de tomar decisões informadas e responsáveis em relação à própria saúde e à saúde coletiva (PEREIRA; LIMA, 2022, p. 33).

Portanto, a integração entre essas áreas do conhecimento fortalece a educação em saúde como prática pedagógica transformadora, alinhada às demandas contemporâneas

de formação científica, cidadã e ética.

Além disso, a abordagem interdisciplinar das epidemias favorece a compreensão dos determinantes sociais da saúde, evidenciando que a propagação de doenças não depende apenas de fatores biológicos, mas também de condições de moradia, trabalho, acesso à informação e políticas públicas. A História demonstra que populações em situação de vulnerabilidade sempre estiveram mais expostas aos impactos das crises sanitárias, enquanto a Biologia explica como ambientes com maior densidade populacional e saneamento precário facilitam a transmissão de agentes infecciosos (BARATA, 2017, p. 8; SOUZA; OLIVEIRA, 2020, p. 15). A Farmácia, por sua vez, contribui ao discutir o acesso desigual a medicamentos e vacinas, reforçando a saúde como direito coletivo e não apenas como responsabilidade individual.

Outro aspecto relevante diz respeito à formação do pensamento crítico dos estudantes frente às informações sobre saúde que circulam na sociedade. Em contextos de epidemias, é comum o surgimento de boatos, curas milagrosas e desinformação, fenômenos que também possuem raízes históricas (SILVA; PEREIRA, 2021, p. 52). A articulação entre História, Biologia e Farmácia permite que os alunos aprendam a confrontar essas narrativas com evidências científicas, compreendendo como o conhecimento em saúde é produzido, validado e aplicado socialmente. Esse processo fortalece o letramento científico e contribui para decisões mais seguras no cotidiano (PEREIRA; LIMA, 2022, p. 34).

Por fim, a educação em saúde com base interdisciplinar também amplia a percepção de responsabilidade coletiva. Ao entender como epidemias afetaram sociedades no passado, como os microrganismos se disseminam biologicamente e como medicamentos e vacinas atuam na proteção da população, os estudantes tendem a reconhecer que atitudes individuais como higiene, vacinação e uso correto de medicamentos possuem impacto social amplo (ALMEIDA; COSTA, 2019, p. 81). Assim, o diálogo entre as três áreas do conhecimento contribui para a construção de uma consciência sanitária crítica, solidária e fundamentada em evidências, elemento essencial para a promoção da saúde no ambiente escolar e na comunidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das produções bibliográficas evidenciou que as epidemias, quando abordadas de forma interdisciplinar, constituem um potente eixo temático para a educação em saúde no ambiente escolar. Os estudos históricos demonstram que surtos epidêmicos sempre provocaram transformações sociais significativas, influenciando hábitos de higiene, organização urbana e políticas públicas de saúde (BARATA, 2017, p. 6-8). Essa perspectiva histórica contribui para que os estudantes compreendam que as crises sanitárias não são eventos isolados, mas fenômenos recorrentes que exigem respostas coletivas e baseadas em conhecimento científico.

No campo da Biologia, os materiais analisados reforçam que a compreensão dos mecanismos de transmissão de microrganismos e da resposta imunológica é essencial

para a adoção de medidas preventivas. A literatura destaca que o ensino sobre vírus, bactérias e funcionamento das vacinas favorece a construção de conceitos científicos que ajudam os alunos a interpretar informações sobre saúde de forma mais crítica (SOUZA; OLIVEIRA, 2020, p. 14-16). Dessa forma, o conhecimento biológico atua como base para a compreensão das estratégias de controle de epidemias.

Já na área da Farmácia, os estudos apontam a relevância da educação para o uso racional de medicamentos e para a valorização das vacinas como instrumentos de saúde pública. Observou-se, nas publicações analisadas, que a desinformação sobre medicamentos e imunizantes é um dos principais desafios contemporâneos, o que reforça a importância de ações educativas que esclareçam a população sobre eficácia, segurança e riscos do uso inadequado de terapias (ALMEIDA; COSTA, 2019, p. 79-81). Nesse sentido, a orientação farmacêutica aparece como elemento essencial na promoção da saúde coletiva.

A articulação entre essas três áreas do conhecimento revelou-se um dos principais achados da pesquisa. A literatura indica que abordagens interdisciplinares tornam o aprendizado mais significativo, pois conectam conteúdos científicos à realidade histórica e social dos estudantes (PEREIRA; LIMA, 2022, p. 33-35). Ao compreender as epidemias como fenômenos históricos, biológicos e relacionados ao uso de medicamentos e vacinas, os alunos tendem a desenvolver uma visão mais ampla e crítica sobre a saúde.

Outro resultado importante refere-se ao papel da educação em saúde na formação do pensamento crítico. Os estudos analisados ressaltam que o ambiente escolar é espaço estratégico para combater a desinformação, promovendo o letramento científico e a capacidade de avaliar a confiabilidade de informações relacionadas a doenças e tratamentos (SILVA; PEREIRA, 2021, p. 52). A integração entre História, Biologia e Farmácia fortalece esse processo ao oferecer múltiplas lentes de análise sobre o mesmo fenômeno.

Assim, os resultados da pesquisa bibliográfica indicam que a abordagem interdisciplinar das epidemias favorece não apenas a compreensão conceitual dos conteúdos de saúde, mas também a formação cidadã dos estudantes. Ao integrar saberes históricos, biológicos e farmacêuticos, a educação em saúde amplia a percepção de responsabilidade coletiva e contribui para o desenvolvimento de atitudes preventivas fundamentadas em evidências científicas.

Os resultados também evidenciaram que a contextualização histórica das epidemias contribui para reduzir a percepção fatalista ou sensacionalista das doenças, comum em períodos de crise sanitária. Ao compreender que a humanidade já enfrentou diversas epidemias ao longo do tempo e que avanços científicos foram construídos gradualmente, os estudantes podem desenvolver maior confiança na ciência e nas medidas de saúde pública (BARATA, 2017, p. 9). Essa dimensão histórica dialoga com a Biologia e a Farmácia ao demonstrar que o conhecimento científico é resultado de processos sociais, experimentações e aprimoramentos contínuos.

Outro aspecto identificado na literatura refere-se à importância da linguagem acessível na educação em saúde. Os estudos analisados indicam que a compreensão de

conceitos biológicos e farmacêuticos depende da mediação pedagógica que traduza termos técnicos para o contexto dos estudantes, sem perder o rigor científico (PEREIRA; LIMA, 2022, p. 36). A interdisciplinaridade favorece esse processo, pois permite que explicações históricas, exemplos do cotidiano e fundamentos científicos se complementem, tornando o aprendizado mais significativo e próximo da realidade escolar.

Por fim, a revisão bibliográfica apontou que a educação em saúde, quando trabalhada de forma integrada, contribui para o fortalecimento da cidadania e da responsabilidade social. Ao entender como epidemias impactam coletivamente a sociedade, como os microrganismos se disseminam e como medicamentos e vacinas atuam na prevenção, os estudantes passam a reconhecer que suas atitudes individuais possuem efeitos sociais amplos (ALMEIDA; COSTA, 2019, p. 81). Dessa forma, os resultados indicam que a abordagem interdisciplinar entre História, Biologia e Farmácia não apenas amplia o conhecimento em saúde, mas também favorece a formação de sujeitos críticos, solidários e comprometidos com o bem-estar coletivo.

CONCLUSÃO

A análise realizada ao longo deste estudo evidenciou que a abordagem das epidemias sob uma perspectiva interdisciplinar, integrando História, Biologia e Farmácia, constitui uma estratégia potente para a educação em saúde no ambiente escolar. A pesquisa bibliográfica permitiu compreender que os fenômenos epidêmicos ultrapassam a dimensão biológica, envolvendo aspectos sociais, culturais, científicos e políticos que moldam as formas como as sociedades enfrentam crises sanitárias ao longo do tempo.

A contribuição da História mostrou-se fundamental para contextualizar as epidemias como eventos recorrentes que provocaram transformações estruturais nas sociedades, ajudando os estudantes a perceberem continuidades e mudanças nas respostas humanas às doenças (BARATA, 2017, p. 8-9). A Biologia, por sua vez, forneceu a base científica necessária para a compreensão dos mecanismos de transmissão dos agentes infecciosos e do funcionamento do sistema imunológico, elementos essenciais para a adoção de práticas preventivas fundamentadas em evidências (SOUZA; OLIVEIRA, 2020, p. 15-16). Já a Farmácia destacou a relevância do uso racional de medicamentos e da vacinação como estratégias centrais de saúde pública, reforçando o papel da informação qualificada na promoção da saúde coletiva (ALMEIDA; COSTA, 2019, p. 80-81).

Os resultados indicam que a articulação entre essas áreas do conhecimento favorece o desenvolvimento do pensamento crítico, do letramento científico e da consciência sanitária entre os estudantes. Ao compreenderem as epidemias como fenômenos históricos, biológicos e sociais, os alunos ampliam sua capacidade de analisar informações, reconhecer a importância das evidências científicas e assumir atitudes responsáveis em relação à própria saúde e à saúde da comunidade (PEREIRA; LIMA, 2022, p. 35).

Conclui-se, portanto, que a educação em saúde baseada na interdisciplinaridade contribui para uma formação mais ampla, crítica e cidadã. Ao integrar saberes da História, da

Biologia e da Farmácia, o ensino sobre epidemias deixa de ser apenas informativo e passa a ser formativo, promovendo não apenas conhecimento científico, mas também valores de solidariedade, responsabilidade coletiva e compromisso com a vida em sociedade.

Além disso, a pesquisa reforça que a escola ocupa posição estratégica na promoção da saúde, especialmente em um contexto marcado pela rápida circulação de informações e pela presença de desinformação sobre doenças, tratamentos e vacinas. Ao trabalhar o tema das epidemias de forma integrada, a educação básica pode contribuir para que os estudantes desenvolvam habilidades de análise crítica, reconhecendo a importância das evidências científicas e das políticas públicas de saúde (SILVA; PEREIRA, 2021, p. 53). Assim, a educação em saúde deixa de ser um conteúdo pontual e passa a constituir uma prática formativa contínua, conectada à realidade social.

Por fim, destaca-se que a proposta interdisciplinar apresentada neste estudo não se limita ao tema das epidemias, podendo ser expandida para outras questões de saúde coletiva, como alimentação, saúde ambiental e prevenção de doenças crônicas. A articulação entre diferentes áreas do conhecimento fortalece a formação integral dos estudantes, promovendo uma compreensão mais profunda das relações entre ciência, sociedade e vida cotidiana (PEREIRA; LIMA, 2022, p. 36). Dessa maneira, a educação em saúde, fundamentada no diálogo entre História, Biologia e Farmácia, consolida-se como um caminho promissor para a construção de uma cultura de cuidado, responsabilidade social e valorização do conhecimento científico.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M.; COSTA, J. **Uso racional de medicamentos em contextos de saúde pública**. *Revista Brasileira de Farmácia Hospitalar e Serviços de Saúde*, v. 10, n. 2, p. 75-83, 2019. Disponível em: <https://www.rbfhss.org.br>. Acesso em: 16 de Ago. De 2025.
- ARAÚJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. Disponível em: <https://books.scielo.org>. Acesso em: 13 de Set. De 2025..
- BARATA, Rita Barradas. **Epidemias**. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 31, n. 90, p. 7-22, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 10 de Set. De 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia de vigilância em saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/saude>. Acesso em: 02 de Set. De 2025.
- BUSS, Paulo Marchiori. **Promoção da saúde e qualidade de vida**. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 163-177, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 16 de Out. De 2025.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2021.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em**

saúde. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Communicating risk in public health emergencies: a WHO guideline for emergency risk communication (ERC) policy and practice**. Geneva: WHO, 2017. Disponível em: <https://www.who.int>. Acesso em: 19 de Jan. De 2026.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **The rational use of drugs: report of the conference of experts**. Nairobi: WHO, 1985. Disponível em: <https://apps.who.int>. Acesso em: 12 de Jan. De 2026

PEREIRA, A.; LIMA, S. **Educação em saúde no contexto escolar: práticas e desafios**. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 26, e210544, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 22 de Ago. De 2025.

SCLIAR, Moacyr. **Do mágico ao social: a trajetória da saúde pública**. São Paulo: Editora SENAC, 2002. Disponível em: <https://books.scielo.org>. Acesso em: 03 de Fev. De 2026.

SILVA, R.; PEREIRA, L. **Pandemias, sociedade e informação: impactos sociais e culturais**. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 45-60, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 23 de Out. De 2025.

SOUZA, T.; OLIVEIRA, F. **Doenças infecciosas: fundamentos biológicos e prevenção**. *Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, v. 13, n. 2, p. 10-20, 2020. Disponível em: <https://renbio.org.br>. Acesso em: 18 de Set de 2025.